Simone Troisi e Cristiana Paccini

Nascemos e jamais morreremos

Vida de Chiara Corbella Petrillo

7.ª Edição

EDITORIAL AO

Título original:
Siamo nati e non moriremo mai più
Storia di Chiara Corbella Petrillo
© Edizioni Porziuncola
Via Protomartiri Francescani, 2
06081 S. Maria degli Angeli – Assisi (PG)
www.edizioniporziuncola.it
ISBN: 978-88-270-1015-0

Tradução
Marco Cunha, sj

Revisão da tradução
António Valério, sj

Capa
Constança Archer de Carvalho

Fotos
© Todos os direitos reservados

Paginação
Editorial AO

Impressão e Acabamentos
Sersilito – Empresa Gráfica, Lda.

Depósito Legal n.º
572416/26

ISBN
978-972-39-1057-5

1.ª edição
novembro de 2014

7.ª edição
novembro de 2026

Com todas as licenças necessárias

©
SECRETARIADO NACIONAL DO APOSTOLADO DA ORAÇÃO
Rua S. Barnabé, 32 – 4710-309 BRAGA | Tel.: 253 689 443
www.redemundialdeoracaodopapa.pt/livraria | livros@rmop.pt

Prefácio à Edição Portuguesa

A vida de Chiara Corbella Petrillo tinha de ser trazida à luz – «Não se acende uma candeia para a colocar debaixo do alqueire» (*Mt* 5, 15). Viveu como filha de Deus, abandonando-se confiadamente ao seu Amor e à sua vontade, abraçando a lógica da cruz: a da doação gratuita e radical de si mesma por Amor. E, com a sua vida, manifestou a Glória de Deus.

Disso quiseram dar testemunho, neste livro, o seu marido, Enrico Petrillo, e os seus amigos Simone Troisi e Cristiana Paccini.

Após um período de namoro conturbado pelo medo de uma entrega total um ao outro, sem máscaras ou defesas, Chiara e Enrico descobrem a sua vocação matrimonial. Na contemplação da cruz, encontram o fundamento para essa entrega. Chiara vê o matrimónio como «um caminho para chegarem ao Céu». Durante um tempo difícil de separação pôde treinar a espera orante, para perceber se Enrico fazia parte do projeto de Deus para ela. Aprendeu a confiar que, se a relação dos dois era uma porta aberta por Ele, então Enrico não a poderia fechar. Este abandono em Deus tornou-a livre para se mostrar na sua verdade. E a pobreza de Chiara chamou Enrico ao amor. Reconhecem Deus como fonte única de consolação. Percebem que a fecundidade do seu amor só será possível em Deus, origem do seu amor conjugal.

Toda a vida de Chiara é um testemunho de entrega, de abandono confiado à vontade de Deus, de aceitação incondicional de adversidades das quais não percebe o porquê. Mas sabe esperar pela resposta. Ela virá quando estiver preparada para a entender. Porque, como diz Enrico, «se te sentes amado tudo podes». E o Amor nunca a desiludiu. Pelo contrário, foi fonte de Alegria, Paz

e Serenidade. Tudo acolhe como dom e faz da sua vida, dom. Quer o que Deus quer. Por isso, com Enrico, aceita o dom de Maria Letizia e Davide, sabendo, desde cedo na gravidez, que nascem para logo serem levados ao Céu. E, contudo, em cada uma destas entregas o seu coração exulta de Alegria. É a graça recebida para continuar a dizer a Deus o seu «eis-me aqui!» de Maria, com quem Chiara se identifica. Também ela aceitou «um filho que não era para ela e que veria morrer aos pés da cruz».

Foi necessário percorrer este caminho de cruz, para poder receber livremente de Deus a sua última e exigente missão: dar a vida por Francesco, o filho tão esperado e, finalmente, destinado a viver junto deles. Entre a sua vida ameaçada por uma doença agressiva e fatal e a vida que traz dentro de si, escolhe a última. Porque é dom de Deus, e não pertença sua. Generosamente, vai-se retirando para que o filho não sofra com o corte da relação com aquela que o trouxe à vida. Amar não é possuir. É querer o bem do outro.

Finalmente, vive o sofrimento de uma doença terminal e mutilante com a Serenidade de quem vive em Deus e com Deus. Prepara a sua ida para o Pai celebrando a vida, encontrando forças para atender outras pessoas em sofrimento, manifestando o seu amor por todos os que com ela fizeram a Peregrinação a caminho do Céu.

Há muitas histórias de sofrimento idênticas à de Chiara.

O sofrimento sem sentido fecha-nos dentro de nós mesmos. Mata a relação que nos realiza enquanto seres humanos. Fomos criados por Amor, para amar e ser amados. O Amor está impresso no coração de todos os homens, mesmo daqueles que não acreditam que a fonte desse Amor é Deus. Todos sem exceção somos carentes de Amor!

Chiara mostra que é possível viver bem a situação de doença. Até ao fim. Vence o medo e a aridez espiritual abrindo o coração para acolher o amor de Deus e de quantos dela se aproximam.

Dando-lhes a possibilidade de amar, ama-os, e o sofrimento, em vez de morte, gera vida, alegria interior e comunhão. Aceita a doença. Vive o «hoje» como condição necessária para poder enfrentar a vida, saboreando e agradecendo as pequenas alegrias que cada dia lhe traz, animando todos os que, como ela, estão fragilizados. Não perde a oportunidade de verbalizar o quanto ama cada pessoa que a acompanhou ao longo da sua vida. Para crentes e não crentes, a forma como viveu e deu sentido ao sofrimento faz do seu testemunho uma mensagem de esperança.

Ao longo destas páginas, em que Simone e Cristiana nos fazem comungar da grandeza do Amor, é impossível não estabelecer o paralelismo entre as vidas de Chiara e de Jesus. A permanente comunhão com o Pai, através da oração. O serviço aos mais frágeis. O esquecimento de si. A experiência de sentir-se abandonada logo seguida do acolhimento da vontade de Deus. E, finalmente, a entrega radical da vida, por Amor.

Quem vê Chiara, vê Jesus, vê o Pai – diz o seu diretor espiritual. Como acontece diante de Jesus na cruz, confrontados com esta história de santificação, somos compelidos a dizer: «o quanto amou»! Na vasilha que foi o mais íntimo do seu coração, e que encheu na fonte da Vida sob o olhar de Maria, Chiara transformou a dor em Amor, Paz e Alegria. Esse foi o milagre da sua vida.

Com Chiara, somos levados ao Céu, à comunhão com o Amor. À Eternidade. Onde nunca mais morreremos.

Luísa Viterbo
Médica oncologista
Outubro de 2014

Apresentação

«**Aquilo que vimos**»

«Já que muitos empreenderam compor uma narração dos factos que entre nós se consumaram…», são as palavras que abrem o Evangelho de Lucas. Com as mesmas palavras, Simone e Cristiana poderiam ter começado a biografia de Chiara Corbella Petrillo.

O desejo de conhecer Chiara foi, logo desde o início, muito forte e, no seu funeral, quando, no fim da homilia, se disse: «Se quereis saber mais, vinde e fazei-nos perguntas», milhares de pessoas responderam ao convite, pedindo-nos, durante todo o ano, que déssemos o nosso testemunho, entrevistas ou algum tipo de material sobre Chiara.

Imediatamente nos demos conta da exigência de tantos em ouvir falar dela e da sua história, uma história que surpreende e, ao mesmo tempo, aterroriza e fascina. Muitos relataram aquilo que aconteceu: artigos nos jornais nacionais, capítulos inteiros de livros, discussões em blogues...

No entanto, como sucede frequentemente nestes casos, o desejo (legítimo) de compreender, unido às poucas informações disponíveis, deu lugar a algumas interpretações e acrescentos de pormenores que nada tinham a ver com a realidade.

Tendo em consideração tudo isto e também a impossibilidade de Enrico dar reposta a todos os pedidos que lhe chegavam de todas as partes, nasceu o projeto deste livro. Um instrumento para difundir e dar a conhecer a sua história como realmente aconteceu.

Depois de vencida uma primeira e natural resistência, devida ao facto de termos de «partilhar» a história de Chiara com muitíssimas pessoas, crentes e desconhecidas, pensámos pedir ao Simone e à Cristiana para fazer, recorrendo uma vez mais às palavras de São Lucas, «cuidadas investigações desde a sua origem e expô-las por escrito e pela sua ordem» (*Lc* 1, 3).

As páginas que vão ler não refletem simplesmente o ponto de vista dos dois Autores sobre aquilo que aconteceu. O «cuidado» com que Simone recolheu as memórias dos familiares e amigos que conviveram de perto com a história de Chiara faz deste livro um testemunho de fé de uma porção da Igreja que narra a Vida Eterna e atualiza as palavras de São João, no seu Evangelho: «nós falamos do que sabemos e damos testemunho do que vimos» (*Jo* 3, 11).

Padre Vito d'Amato

Prefácio

Para não me esquecer

Estou aqui, agora, no teu quarto, o teu último quarto. Dormiste aqui uma só noite e agora é o teu quarto. Foi aqui que se abriram as portas, foi aqui que Ele em pessoa veio ao teu encontro. É o quarto onde os vossos olhos apaixonados finalmente se encontraram. Estou aqui neste lugar santo e faço memória de todas as coisas.

Passou apenas um ano desde aquela última e única Missa celebrada neste quarto. Comovo-me com tanto amor recebido e dado, sempre juntos, e descubro-me outra vez apaixonado por ti e por Ele. Talvez seja até demasiado fácil para mim continuar apaixonado, saciei-me com abundância. Comi «mel dos rochedos», para usar um termo bíblico. A... melhor *carbonara*, diria. Foi também aqui que nos disseste, no Evangelho daquela última Missa, «vós sois o sal da terra, a luz do mundo». Era e é o seu mandato: «Ide por todo o Mundo e anunciai o Evangelho».

Existe um mundo que te ama de uma maneira extraordinária. Sentem-te próxima no seu sofrimento, pedem a tua intercessão como se já fosses uma santa reconhecida [pela Igreja]. Eu não quero que se precipitem, ainda que não tenha dúvidas que sejas santa. A tua felicidade é o *Imprimatur* do Senhor. Como quem diz: «Passei por aqui, isto é uma coisa minha».

Sabes, meu amor, o nosso amor continua a gerar filhos (o Padre Vito fez-me tomar consciência disto). Temos tantos filhos que já não consigo lembrar-me do nome de todos. Não são filhos segundo a carne, mas são filhos no Senhor. Espero que o Francesco me perdoe porque abri o seu presente, a tua carta para o seu aniversário.

Também a escrevi um bocadinho e pensei que devia partilhá-la com eles, os filhos mais distantes. Espero não ter feito mal. Pensei que ao fazê-lo não estaria a roubar o teu amor pelo Francy, pois ele é o teu filho segundo a carne.

Mas, sabes, existe um mundo que preferiria que nunca tivesses existido, porque não é fácil deixar-se perscrutar por Deus através de ti: nos teus olhos, na tua venda, no teu sorriso, na tua beleza, Ele está sempre presente. Por isso é necessário este livro. Sim, um livro sobre ti, meu amor, porque ainda continuamos a maravilhar-nos! Um livro que não serve para explicar a verdade, porque esta sabe-se explicar muito bem sozinha, nem sequer para te fazer publicidade (como tantos gostariam de ter feito). A verdade plena nunca está presente em quem te quer vender alguma coisa, mas tu, sim, podes falar da verdade porque deste tudo aquilo que podias. A vida.

Era necessário que desses a vida, meu amor, era necessário. Para que os cegos possam ver, para que quem tem sede beba, para que os soberbos sejam dispersos nos pensamentos do seu coração e para que o seu povo saiba que a escravidão terminou e o Rei vem na sua glória.

Este livro serve simplesmente para dar testemunho, àqueles que estiverem dispostos a abrir o coração, que Deus é bom e que se pode morrer feliz. Sobretudo serve-me a mim, para não me esquecer. Eu vi, somente pela graça de Deus, aquilo que muitos profetas e reis quiseram ver mas não viram. Seria culpado se me calasse. Tenho de dar testemunho. Eu daqui e tu daí, de onde estás, unidos num amor que é novo para nós, diferente, mas certamente não menos forte.

Para escrever este livro pensei no Simone e na Cristiana: quem melhor do que eles, amigos íntimos com quem partilhámos tantos segredos da nossa alma, caminhando juntos na mesma direção, falando a mesma linguagem, testemunhas oculares também eles desta maravilhosa história? Pensei neles e acho que tomei a melhor decisão. Gostaria de o escrever eu mesmo, mas num momento raro de

honestidade infinita perguntei-me a mim mesmo: «Mas quando? Ainda nem sequer percebeste em qual gaveta deves pôr as meias e em qual a roupa interior! É melhor que o façam eles». Eles são perfeitos. Partilhei esta ideia com o Padre Vito e ele deu-lhe a sua bênção.

Por isso escolhi-os a eles: rezam, têm um coração puro e desejam o bem. Estiveram sempre presentes, desde que os conhecemos em Assis como noivos. Nós no seu casamento e eles no nosso, um mês depois. Estiveram ali, a rezar por nós do outro lado da porta, enquanto nascia a Maria e, depois, no seu «funeral»; estiveram presentes quando nasceu o Davide e também no seu «funeral»; estiveram sempre presentes, no batizado do Francesco e, por fim, na nossa Páscoa, quando tudo se cumpriu. Quem melhor do que eles para escrever este livro?

Simone, que fez os estudos na área da edição, tinha todas as qualidades para escrever da melhor forma a tua história; Cristiana, a amiga com quem, mais que todos, partilhaste mais a tua fé. Ela conhece alguns segredos do teu coração... Conversas entre mulheres de inteligência superior. Quanta beleza, quanta Providência.

E eles conseguiram. Foi um trabalho difícil para eles, rezavam juntos todas as manhãs, antes de começarem a trabalhar, escutaram horas e horas de testemunhos recolhidos de entre os amigos mais próximos. Transcreveram e compilaram tudo com muito cuidado e conseguiram escrever, não um livro romântico, mas um primeiro livro que fala de ti, de nós e sobretudo de Deus, de como Ele ama. É apenas um primeiro livro, sei que se escreverão muitos outros, em muitas línguas.

Disseste-me frases tão fortes como inteiros volumes de teologia. Não sei se tinhas consciência disso quando as dizias... Eu acho mesmo que sim.

Com toda a diligência, eu escrevia-as para não me esquecer.

Sim, para não me esquecer.

Enrico Petrillo

Introdução

Uma amizade profunda

«Chamo-me Chiara, tenho 25 anos, sou casada há um ano e alguns meses com o Enrico. Nesta noite, se conseguir, partilho convosco a história da nossa filha, Maria Grazia Letizia, que nasceu no dia 10 de junho deste ano». Estamos no dia 19 de novembro de 2009. Chiara está a dar um testemunho na igreja de Santa Francesca Romana, no Ardeatino, em Roma. As suas palavras naquela noite abrem os corações de muitas pessoas. Uma história exemplar, partilhada de modo simples, com toda a naturalidade. Não é possível interpretar mal o que ela diz. Tal como é impossível não compreender a verdade que, diz Chiara, «Deus coloca dentro de cada um de nós».

Chiara e Enrico tinham decidido levar até ao fim a gravidez de uma menina anencéfala. A menina nasceu, foi batizada e meia hora depois subiu para o Pai. Agora eles, cinco meses depois de um funeral em que Chiara tocou violino e Enrico cantou as suas canções, estavam ali a partilhar a misteriosa alegria que os tinha acompanhado.

Apenas três anos depois, muitos dos que tinham conhecido Chiara naquela ocasião participaram no seu funeral. E era algo verdadeiramente especial sentir-se a fazer parte de tal acontecimento. Naquela ocasião, o Padre Vito, diretor espiritual dos Petrillo, convidou os presentes a deixarem-se interrogar por esta família que, entretanto, tinha acolhido um outro filho, também

este morto logo após o nascimento, e tinha vivido com confiança e paz a doença de Chiara durante a sua terceira gravidez.

Quem quisesse conhecer a história de Chiara e Enrico teria encontrado, entre familiares e amigos, testemunhas desta vida extraordinária disponíveis para contar como tudo aconteceu.

Aqui estamos. Nós estamos entre as testemunhas. Incrivelmente, estivemos com eles nos momentos mais decisivos.

Este livro nasce graças aos pedidos de quem se aproximou de Chiara, mesmo só por ter ouvido falar. Por dom de Deus, vivemos com eles este caminho de graça, de maravilhas belíssimas como um arco-íris depois de um grande temporal. E foram grandes e muitos os dilúvios.

Quem é Chiara? Porquê tanta atenção à sua volta? O que é que ela fez? À primeira vista, a sua é uma história dramática de uma mãe que morre de cancro, deixando sozinhos o marido e o filho. Provavelmente, uma história semelhante a tantas outras. Mas nesta há algo diferente. Tudo foi vivido na alegria e transformou-se em vida para os outros.

Como uma criança que segue o cheiro de um bolo que acabou de sair do forno, tantos seguiram o perfume destes dois esposos que reconhecem no sofrimento a sua dança, que sorriem enfrentando as provas mais duras e descobrem uma felicidade à qual todos nós, na verdade, somos chamados. Um perfume inebriante, perturbador, que se agarra a ti, mesmo que, assustado, inicialmente o tenhas combatido.

Que coisa ou quem levou Chiara a morrer assim? Escutámos aqueles que a amaram com um amor único, mais forte do que qualquer tempestade. Fizemos memória de todos os momentos que o Senhor nos concedeu poder partilhar com ela. Porque esta história contém uma mensagem. É um anúncio sólido e credível de algo que aconteceu há dois mil anos e que continua a acontecer

em cada dia, desde então. «A quantos o receberam, aos que n'Ele creem, deu-lhes o poder de se tornarem filhos de Deus».

Uma pessoa morre como viveu. Chiara morreu de uma maneira incrível, sorrindo diante da morte. Muito mais do que serena: feliz. Estar a seu lado foi ver o viver e o morrer de um filho de Deus.

Existe uma fotografia de Chiara e Enrico em que eles se afastam, de costas, abraçados. Foi tirada no dia 4 de abril de 2012, menos de uma hora depois do veredicto dos médicos. Estávamos numa das pontes que ligam a Ilha Tiberina e o Fatebenefratelli, o hospital romano que Chiara e Enrico deixavam pela enésima vez, sempre da mesma maneira, abraçados. Como sempre, sem que o soubéssemos, tínhamos chegado ao hospital na hora certa.

Enquanto caminhávamos atrás deles, com o Francesco no carrinho de bebé, a certa altura, Chiara e Enrico voltaram-se e, fazendo o gesto de uma pistola, faziam de conta que estavam a disparar para o Francesco, dizendo «bum bum» a cada disparo. Francesco, que começava a rir e se mexia muito, cumpriria um ano dali a dois meses. Acompanhámo-los ao carro, estacionado no *lungotevere*[1], e abraçámo-nos entre lágrimas. Chiara não perdeu nem sequer aquela oportunidade para amar.

Em Assis, nasceu com eles uma amizade simples e profunda. Já nos conhecíamos, mas foi à sombra da Porciúncula que nos tornámos irmãos. Foi muito bom caminhar juntos. Casámo-nos com poucas semanas de diferença e, desde então, não nos voltámos a separar. Falávamos de tudo: das coisas mais corriqueiras, como o peito de frango com laranja ou as plantas do jardim, e de outras muito importantes, como o Paraíso e a morte. Partilhámos

[1] Uma avenida de Roma que acompanha o rio desta cidade, o Tibre, que em italiano se diz «Tevere» [*N. T.*].

o quotidiano de jovens esposos, conhecemos os dois primeiros filhos deles, as suas alegrias e dificuldades como pais. Quando a doença lhes bateu à porta, logo depois de saberem da vinda do Francesco, vimos com os nossos próprios olhos que verdadeiramente a vida vence a morte. Passávamos dias inteiros a falar, a fazer grandes perguntas, a esperar juntos. Caminhávamos como se estivéssemos unidos com cordas[2], cada um pronto para puxar pelo outro quando este estivesse em dificuldade.

Nós fomos espectadores e protagonistas de cada acontecimento da sua história. Frequentemente, com Chiara, perguntávamo-nos o porquê disto. Talvez o descubramos somente quanto morrermos, quando o amor nos explica todas as coisas.

A seu lado não custava nada acreditar na vida eterna. Parecia que a podias tocar, davas-te conta de estar já mergulhado nela. Um dos maiores dons que eles nos deram foi mostrar-nos que aquilo que temos é o hoje. E neste presente podes ser feliz, muito mais do que terias a coragem de imaginar. É nas coisas comuns que o extraordinário de Deus pode intervir. E eles aprenderam de modo admirável a dar espaço à graça, que não vê a hora de te mostrar as maravilhas de que é capaz.

O engano maior é pensar que isto seja um privilégio reservado aos Petrillo, é acreditar que eles foram «especiais». Pelo contrário, Deus é Pai de todos, da mesma maneira. Muitas vezes, olhando para eles, pensámos que, se Deus ajuda desta forma, também nós poderemos levar a nossa cruz.

O seu casamento foi a estrutura de tudo isto. Neste sacramento, a graça multiplicava-se. Diante dos nossos olhos, eles transformavam-se em altar. Vimo-los, pouco a pouco, restituir tudo: Maria Grazia Letizia e Davide Giovanni, o pequenino Francesco, os seus projetos de jovem casal. Mas sobretudo o seu

[2] Como fazem os alpinistas, todos ligados por uma corda [*N. T.*].

amor, a parte mais dura. Não nos lembramos de um só dia de desespero. Pelo contrário, a sua alegria crescia. Reconheciam cada coisa como um dom e eram muito conscientes que esta terra não é a nossa pátria e nós não somos o ponto de chegada. Entretanto, também o nosso paladar mudava: «Aquilo que me parecia amargo foi transformado em doçura de alma e de corpo»[3].

O corpo é feito para amar, é este o seu objetivo. É através do corpo que o mal, a frustração, a dor nos atingem na nossa história e nos nossos dias. Mas a boa notícia é que precisamente através de um outro Corpo chegarão a consolação e a salvação. Chiara e Enrico mostraram-nos isso com a sua história; viveram o casamento como um caminho seguro para a santidade, como uma vocação plena.

Se por milagre se entende uma cura física, então este livro não contém milagres. Nenhuma cura.

O milagre que contamos é outro: uma alegria desarmante, simples e transparente. Um tesouro a descobrir. A perfeita alegria de Francisco de Assis (ou misteriosa alegria, como diria Enrico) que transforma o mal em bem, que alarga o coração e o horizonte.

Descobrir-se amados é o centro de toda a nossa existência. Apenas preenchidos por este amor total e louco podemos crescer e amar, da nossa parte. Existe uma gradação nos nossos caminhos, sinal de uma infinita ternura da parte de Deus.

O Senhor usou uma pedagogia também para estes nossos amigos, um caminho de amadurecimento no amor. Acompanhar Maria Grazia Letizia no seu nascimento para o Céu era apenas o primeiro dos «pequenos passos possíveis» de que Chiara falava.

«Pequenos passos possíveis», diz Enrico, «são todos os da nossa história. O facto de acompanhar primeiro um filho à eternidade;

[3] AA. VV., *Fonti Francescane*. Padova, Editrici Francescane, n. 110, 2004, p. 99.

depois, um segundo; depois ficar grávida de um filho finalmente saudável, lindíssimo; descobrir que a Chiara tem um tumor; descobrir que se tem de esperar…».

Depois, os tratamentos, as terapias. Mas, apesar de tudo isto, os seus rostos estiveram sempre iluminados, serenos, sorridentes. Com um sorriso autêntico, sempre. Vistas de fora, todas estas provações aterrorizam. Somos levados a pensar que nunca conseguiremos encarar coisas semelhantes. Mas cada passo é acompanhado por uma graça necessária.

Chiara irritava-se muito quando lhe atribuíam qualquer dom especial ou uma coragem muito própria que lhe permitia encarar tais desafios. Ela dizia-nos muitas vezes que era medrosa por natureza. Contava a sorrir que, na escola, nunca conseguiu ir voluntariamente a um exame oral, mesmo que estivesse preparada, por ter muito medo.

Sublinhava sempre que se ela o podia fazer, também qualquer um o poderia. O esforço está no dar espaço, no confiar, no acreditar verdadeiramente que Deus é bom e tem em mente apenas maravilhas.

«O olhar», afirmou João Paulo II, «exprime aquilo que está no coração, é uma porta para a verdade interior»[4]. Quem se cruzou com os olhos de Chiara sabe que ela não mentia, que existe realmente uma esperança e que essa esperança é válida para todos. Também por isto se estava tão bem junto deles.

Chiara não apenas sabia ouvir, mas tinha extrema consideração pelas opiniões e conselhos dos outros. Um aspeto que a caraterizava era precisamente o serviço, o não se poupar nas pequenas coisas, que lhe permitiu exprimir a gratuidade também nas coisas maiores.

Chiara aceitou livremente a sua pobreza, a sua dependência. És alguém quando pertences a alguém. Saber que és de Jesus, que

[4] Audiência Geral de 10 de setembro de 1980.

dependes d'Ele, permitia a Chiara ser aquilo que era, renunciar a perceber, escolhendo bendizer Deus e abençoar quem estava a seu lado. Dar-se é a única verdadeira possibilidade. E foi precisamente isso que Chiara, a partir de um certo momento, fez. Abraçou verdadeiramente a sua cruz, porque «Deus é o Sumo Bem que dá valor a tudo o que existe», e é «a plenitude daquela alegria que não se desvanece, mesmo quando banhada pelas lágrimas»[5].

Talvez a história de Chiara esteja destinada a isto, a mostrar a beleza do matrimónio que, com as suas urgências, os seus dons e as suas dificuldades, é realmente um caminho que santifica. Os esposos, de facto, revelam ao mundo como Deus ama.

«Nós não nos sentimos corajosos», disse uma vez Chiara, «porque na realidade a única coisa que fizemos foi dizer SIM, passo a passo». Esta frase é um pequeno tesouro. Contém tudo aquilo que é preciso saber.

A oração e a fraternidade foram fundamentais. Sem a oração, diziam, não teriam sido capazes de fazer nada. Tantas pessoas, não só os mais próximos, rezaram por eles, um pouco por todo o mundo. Juntaram-se, pouco a pouco, novos companheiros de viagem. Cada um chegando na hora certa, cada um sinal daquela Providência que proporcionava toda esta maravilha. Foram apoio para eles, e nas fases mais duras eram aquela pequena chama que iluminava a escuridão. Junto ao nosso, estão também aqui os seus testemunhos: dos familiares, amigos e médicos que percorreram toda ou parte desta estrada.

Nestes anos, vimos como a história de Chiara se difundiu de maneira inesperada. Entrou nas casas, nos hospitais e em tantas outras histórias. Para relatar os seus efeitos seria necessário um outro livro. Logo a após a sua morte, o interesse por ela subiu até às estrelas (em todos os sentidos), deixando-nos estupefactos e gratos.

---

[5] Canopi, Anna Maria – «La riflessione. Solo l'umile incontra Dio». *Credere. La gioia della fede*, n. 3, 2013, p. 45.

«Toda esta luz», disse Enrico, «está a difundir-se sem que eu faça nada. Telefonou-me o Cardeal Vallini e disse-me, naquela manhã, que viria ao funeral da Chiara... sempre nos maravilhámos por tanto amor à nossa volta».

Em resumo, porquê escrever um livro? Porque muitos querem conhecer Chiara. Perceber como fez para viver (e morrer) assim. Muitos sabem simplesmente que é uma jovem mulher, que morreu depois de ter adiado os tratamentos para que pudesse nascer o seu filho, mas é muito mais do que isso. Por detrás de tudo está um casamento lindíssimo, vivido plenamente e na alegria. Um amor tão verdadeiro que os levou juntos à cruz. Aquilo que vimos, vos narramos agora.

A beleza salvará o mundo, escreveu Dostoevskij. Sim, mas que beleza? A de um rosto feliz no sofrimento. A do rosto de Jesus. Uma beleza que também Chiara nos mostrou.

Nota sobre o título

Nascemos e jamais morreremos. Esta frase está ligada à imagem de Chiara, mas Chiara nunca a pronunciou, ainda que seja perfeita para ela. Pronunciou-a Enrico. É uma frase que ouviu a um responsável da comunidade «Gesù Risorto», doente terminal de cancro nos ossos. Enrico tinha cerca de 15 anos e ficou muito impressionado. Repetiu-a muitas vezes, e nós sabíamos que ele a queria escrever numa *t-shirt*, porque achava que era uma boa notícia para dar a todos.

No dia 12 de junho de 2012, o dia anterior à morte de Chiara, oferecemos ao Enrico, à Chiara e ao Francesco três *t-shirts* com esta frase e com o desenho de um girassol que nasce.

Chiara pedira-nos que escrevêssemos uma fábula para o Francesco, para que lhe pudesse explicar a sua história e a dos seus dois irmãos. A fábula terminava com esta frase: *Nascemos e jamais morreremos*.

Nas últimas horas ao lado dela, e imediatamente depois, quando a fábula foi colocada na câmara ardente, ao lado do seu corpo e das suas fotografias, aquela frase continuou no ar. Foi lida por todos, reconhecida como verdadeira por todos. Tanto que, quando Enrico preparou a lembrança de Chiara para o funeral, a escolha da frase foi automática. Aquela frase foi realmente impressa sobre o peito de Chiara. E no coração de todos aqueles que a conheceram, pessoalmente ou graças àquela imagem.

Índice

Prefácio à Edição Portuguesa 5

Apresentação
«Aquilo que vimos» 9

Prefácio
Para não me esquecer..... 11

Introdução
Uma amizade profunda 15

Capítulo 1
«Talvez não tenha entendido nada»..... 25

Capítulo 2
Viver e deixar-se amar..... 37

Capítulo 3
Nada de imperfeito 63

Capítulo 4
Francesco e o dragão..... 85

Capítulo 5
21 de setembro..... 121

Capítulo 6
A graça de viver a graça..... 127

Agradecimentos..... 167

Apêndice à 6.ª Edição Portuguesa..... 169

Índice 173